



**SOBRE FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS EUROPEU E
BRASILEIRO**
ON ADDRESS FORMS IN EUROPEAN AND BRAZILIAN PORTUGUESE

*Maria Fernanda Bacelar do Nascimento*¹

*Amália Mendes*²

*Maria Eugênia Lammoglia Duarte*³

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar uma comparação entre as formas de tratamento usadas no português europeu e brasileiro. Mostramos que naquela variedade o sistema é bem mais complexo devido (i) a uma distribuição complementar entre *tu* e *você* segundo o tipo de relação entre os interlocutores; (ii) a uma variedade maior de formas nominais para o tratamento entre íntimos e não íntimos. Quanto ao português brasileiro, os dois pronomes não se encontram em distribuição complementar. O uso de *você* é atestado numa grande área central do país, enquanto em outras regiões *tu* e *você* convivem, com o predomínio de uma ou outra forma, que, em geral, são usadas como variantes.

Palavras-chave: Tratamento; Português europeu; Português brasileiro; Relações simétricas; Relações assimétricas.

1 Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. E-mail: fbacelar.nascimento@gmail.com. Dinah – uma grande linguista, um grande carácter, um grande coração.

2 Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. E-mail: amaliamentes@letras.ulisboa.pt. É um grande prazer associar-me à homenagem à Dinah, pela muita consideração que tenho pelo seu trabalho científico, pela sua retidão e pela sua frontalidade.

3 Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: eugenia@brazilmail.com.

Recebido em: 20/11/2018

Aceito em: 29/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

Abstract

The goal of this paper is to present a comparison between forms of address used in European Portuguese and Brazilian Portuguese. We will show that the system of the European variety is much more complex, due to (i) the complementary distribution between *tu* and *você* in Portugal, according to the type of relation between the participants; (ii) the rich set of nominal forms that are used for intimate and non intimate relations. In what concerns Brazilian Portuguese, the two pronouns, *tu* and *você*, are not in complementary distribution. *Você* is used in a large central area of the country, while in other regions both *tu* and *você* are found as variants, although one or the other will be predominant according to the region.

Keywords: Address forms; European Portuguese; Brazilian Portuguese; Symmetric relations; Asymmetric relations.

Introdução

Este artigo tem como objetivo comparar as formas de tratamento no Português Europeu e no Português Brasileiro, com interesse especial na distribuição *tu* / *você* nas duas variedades. Em Portugal, o tratamento com *tu* não se restringe às relações simétricas entre o falante e seu interlocutor, mas é também comum em relações assimétricas. Quanto ao uso de *você*, é geralmente evitado e substituído por formas nominais ou por sujeito nulo. Estas propriedades de *tu* e *você* diferem do uso destes pronomes no Brasil, onde os falantes tendem a realizar foneticamente os pronomes de segunda pessoa. Este artigo inicia-se com uma breve apresentação histórica do desenvolvimento do pronome *você*, a partir dos Estudos de Lopes (2002) e Lopes e Brocardo (2016) entre outros. Seguem duas secções principais: uma dedicada ao Português Europeu, tomando como principal referência o Capítulo de Bacelar do Nascimento sobre as formas de tratamento nessa variedade, a sair no volume III da *Gramática do Português*; outra dedicada ao Português Brasileiro, com a apresentação dos resultados reunidos em Scherre, Dias, Andrade e Martins (daqui em diante, Scherre *et alii*, 2015), que nos oferecem um mapeamento das formas *você* (e suas variantes reduzidas *ocê* e *cê*) e *tu* no território brasileiro. Concluímos o artigo com algumas considerações sobre a realização (nula ou plena) dos pronomes de segunda pessoa nas duas variedades.

Um pouco de história

A emergência da forma de tratamento *Vossa Mercê* surge graças ao *desbotamento* pragmático do pronome *Vós* para uso na segunda pessoa do singular, indicando respeito, como ao rei, a um nobre. Segundo Lopes e Brocardo (2016),⁴ já no século XIV, *Vossa Mercê* tinha perdido seu estatuto de forma de reverência, mantendo-se entretanto, como forma de tratamento, com o significado de *vossa vontade*. Sua reanálise como pronome para indicar polidez vai se dar durante o século XV. Seu uso em variação com *vós* para tratamento ao rei é retomado a partir

4 Ver ainda Cintra (1972) e Faraco (1976).

de então, mas, tal como ocorre com este último, *Vossa Mercê*, igualmente, começa a ser usado para outros estratos sociais, o que desencadeia o surgimento de outras formas respeitadas de tratamento para a realeza, como *Vossa Majestade*, *Vossa Alteza*. Nos séculos seguintes, a forma nominal e suas variantes, *vosmecê*, *mecêa*, *vosse*, *você*, aparecem indistintamente, mas apenas para tratamento assimétrico. Sua entrada no sistema pronominal europeu e brasileiro ocorre de maneira diferente, segundo as autoras. Embora tudo indique que ela se dá no século XIX, o processo de implementação do novo pronome é mais rápido no Brasil do que em Portugal, onde o antigo pronome *tu* se mantém mais frequente e *você* é pragmaticamente diferente de *tu*.

Quanto à plena implementação de *você* em território brasileiro, temos evidências trazidas por Lopes (2002) de que seu uso (com valor de proximidade) em cartas, em variação com o pronome *tu*, forma trazida pelos colonizadores, é muito esporádico ao longo do século XIX. Ao longo do século XX, o processo continua, sendo o período situado entre os anos 1930 e 1950 muito importante para a adoção de *você* em boa parte do território brasileiro em detrimento de *tu*.

A principal evidência da plena inserção de *você* no sistema pronominal do Brasil está para Lopes e Cavalcante (2011), entre muitos outros, na *mistura de tratamento* que se segue a essa adoção. As peças de teatro de cunho popular escritas no Rio de Janeiro a partir dos anos 1930 são uma excelente fonte de evidências a esse respeito. Autores que tentaram manter a antiga distinção entre *você* e *tu*, para relações assimétricas e simétricas, respectivamente, acabam por usar ambas as formas para se dirigir ao mesmo interlocutor, confundem as formas do imperativo e já usam os pronomes átonos, oblíquos e possessivos, misturando os paradigmas de segunda (relativo a *tu*) e de terceira (relativo a *você*, graças à sua origem nominal), como mostra o trecho apresentado em Duarte (2018 [1993]).⁵

(1) Carolice Não *digas* tolices, menino! (observando) Onde andará esta gente?

Formosinho (sempre muito tímido) Vamos embora, mamãe!

Carolice Nao *seja* bobo, menino! *Sabe* que dia é hoje?

Formosinho Sextafeira, treze de janeiro.

Carolice Isso mesmo. Daqui a cinco dias *você completa* vinte e dois anos.

(Humberto Couto, *A vida tem três andares*, 1938, p.74)

Em relação ao uso do pronome *tu* em território brasileiro, não se pode deixar de levar

5 Outras peças cariocas desse período, como as de Silveira Sampaio, autor longo e muito produtivo, atestam a mesma mistura de tratamento, que vai se intensificar a partir do último quartel do século XX nas peças de Miguel Falabella, entre outros autores, que conseguem de maneira surpreendente se aproximar dos resultados atestados para a fala espontânea carioca.

em consideração a ocorrência da apócope da desinência verbal de segunda pessoa <-s>, certamente fruto do intenso contato com os escravos africanos e seus descendentes, além de outros imigrantes aloglotas (cf. LUCCHESI, 2009), um processo anterior à gramaticalização de *Vossa Mercê*. Como veremos, a ausência da marca desinencial é mais frequente do que sua presença no Brasil e remonta às variedades faladas, que, só a partir da introdução dos estudos linguísticos, receberam o devido tratamento, tendo sua existência finalmente legitimada.

O tratamento no português europeu

Em Português Europeu (PE), quando um falante se dirige a um ouvinte único, pode utilizar várias estratégias:

(i) Uma dessas estratégias é usar um pronome pessoal de 2.^a pessoa do singular. Existem duas séries pronominais de 2.^a pessoa do singular, ancoradas nas formas nominativas *tu* e *você*, respetivamente. A opção por uma ou outra forma pronominal depende do tipo de relação social e/ou familiar que existe entre o falante e o ouvinte. Na verdade, como veremos, o uso de *você* em PE é bastante complexo e muitas vezes evitado. Contrasta, assim, com o uso deste pronome em PB;

(ii) Sendo o português europeu uma língua de sujeito nulo *consistente* (cf. ROBERTS e HOLMBERG, 2010), o falante pode não usar explicitamente os pronomes e usar apenas a forma verbal apropriada a cada um deles (2.^a pessoa do singular para *tu* e 3.^a pessoa do singular para *você*);

(iii) O falante pode ainda usar uma forma nominal equivalente ao paradigma de 3.^a pessoa de *você* (*Você quer? O senhor quer?*);

(iv) Finalmente, a 2.^a pessoa do singular pode ainda ser expressa através do pronome *vós*, embora este esteja em desuso.

A referência à 2.^a pessoa singular

O uso de *tu* e/ou de forma verbal de 2.^a pessoa singular

A série pronominal ancorada por este pronome é a seguinte: *tu*, pronome nominativo (*Tu achas isso bem?*); *te*, pronome acusativo (*Eu convidei-te*) ou dativo (*Eu disse-te para ires*); *ti*, pronome oblíquo (*Lembrei-me de ti*); *contigo*, a forma especial do pronome oblíquo formada com a preposição *com* e *teu*, *tua*, *teus*, *tuas*, pronomes pessoais possessivos (*Conto contigo amanhã*, *Conto com a tua ajuda amanhã*).

Dá-se o tratamento por *tu* quando entre os interlocutores existe uma relação de proximidade e intimidade, geralmente por serem familiares, amigos ou colegas. Os falantes mais jovens

tendem, no entanto, a usar o tratamento por *tu* mesmo quando acabaram de se conhecer.⁶

(2) a. e então liguei-**te** para o telemóvel que era para **tu** me dares o número do telefone de lá. (CORALROM, ptelpv07, conversa telefónica)⁷

b. então e o que é que **tu** achaste do filme de ontem ? (CORALROM, pfamcv10, conversa informal)

O pronome pode estar omissivo, ocorrendo então apenas a forma verbal de 2ª pessoa do singular, que remete para o paradigma do pronome *tu*:

(3) isso vem encaixar / aquilo que **estás** a dizer das mulheres serem predominantes (CORALROM, pfamcv04, conversa informal)

O uso do pronome *tu* envolve uma interpretação do grau de intimidade com o ouvinte por parte do falante. Essa interpretação pode ser posta em causa, como ilustra o exemplo (4). Da mesma forma, o falante pode propor que uma interação passe a fazer-se usando o pronome *tu*, caso sinta que existe já uma relação de proximidade com o seu interlocutor.

(4) Não conheço o deputado que acabou de me falar, muito menos para me **tratar por tu**. (CRPC, Diário da Assembleia da República, A139405).⁸

A familiaridade expressa pelo emprego do pronome *tu* é bem atestada na expressão *tu cá tu lá*, muito usada para mostrar que existe entre interlocutores um certo grau de familiaridade (cf. *os outros sempre os conheceram, eram tu cá tu lá com eles* (CRPC, *Jornal Expresso*)).

O tratamento por *tu* tende a ser recíproco, isto é, simétrico, entre interlocutores com idade e posição hierárquica semelhante. É assimétrico quando existe uma diferença de faixa etária ou uma diferença hierárquica. Depende ainda de hábitos familiares e sociais: embora esteja hoje em dia generalizado o uso de *tu* entre pais e filhos, em certas famílias as pessoas mais velhas tratam por *tu* os mais jovens mas estes usam o paradigma de 3ª pessoa (*{você / o pai / a avó}*)

6 O pronome *tu* pode ter um uso impessoal, isto é, com sentido genérico de *qualquer pessoa* (cf. *aquilo ali é assim, tu chegas e vem logo alguém receber-te e ajudar-te*), que não será aqui discutido por não ter valor de 2ª pessoa. Verifica-se o mesmo uso impessoal com a forma *você*.

7 O corpus C-ORAL-ROM foi compilado no âmbito do projeto europeu homónimo e consiste num corpus multilingue de língua falada espontânea, para 4 línguas românicas (Espanhol, Português, Francês e Italiano), com cerca de 300.000 palavras cada língua, cobrindo discurso formal e informal. Contém 153 gravações (30 horas) que decorreram entre 1970 e 2002, embora a maioria tenha sido recolhida nos anos 1990. O corpus está disponível no catálogo ELRA (<http://catalog.elra.info/en-us/repository/search/?q=c-oral-rom>) e numa publicação em livro (<https://www.benjamins.com/catalog/scl.15/main>)

8 O Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), é um corpus electrónico da variedade europeia do português e de outras variedades (Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Goa, Macau, Timor-Leste). Contendo 311,4 milhões de palavras, este corpus abrange diferentes tipos de textos escritos (literário, jornalístico, técnico, etc.) e de registos orais (formal e informal). Cf. <http://www.clul.ulisboa.pt/pt/23-investigacao/714-crpc-corpus-de-referencia-do-portugues-contemporaneo>. A parte escrita do corpus pode ser pesquisada online: <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/>

quer?) para os mais velhos.

O uso de *você*

Você é uma forma etimologicamente proveniente da antiga forma de tratamento nominal de cortesia *vossa mercê*, como comentamos na introdução a este artigo. Isso tem duas consequências. Por um lado, *você* mantém a concordância com o verbo na 3.ª pessoa do singular, ou seja, *você*, embora sendo um pronome semanticamente de 2.ª pessoa do singular, é gramaticalmente um pronome de 3.ª pessoa do singular. Por outro lado, a série pronominal ancorada por *você* tem, como paradigma das formas de complemento, as que pertencem ao paradigma da série canônica da 3.ª pessoa semântica do singular, i.e., as mesmas formas que têm como âncora os pronomes *ele* e *ela*. Assim, a série pronominal ancorada por este pronome é a seguinte: *você*, pronome nominativo (*Você* nunca chega a horas!); *o*, *a*, pronomes acusativos (Se *você* quiser ir, eu convido-o para a festa); *lhe*, pronome dativo (quando *você* chegar, conto-lhe as novidades); *você* e *si*, pronomes oblíquos (De *você* não quero ouvir mais nada / ainda bem que *você* chegou porque tenho um recado para *si*); *consigo*, a forma especial do pronome oblíquo usada com a preposição *com* (*Você* quer sempre que eu faça o trabalho *consigo*) e *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pronomes possessivos (*Você* esquece-se sempre do *seu* telemóvel). Como resultado, os enunciados com estas formas pronominais são ambíguos e a sua interpretação depende de informação contextual: Eu levo-o (a ele / a *você*) ao cinema.

O uso de *você* em português europeu apresenta diferentes padrões de uso que tornam a sua aprendizagem por aprendentes de português língua estrangeira bastante complexa. Estes padrões diferem, na sua generalidade, do uso de *você* na variedade brasileira do português. A forma *você* em PE tanto pode ser uma forma de tratamento ofensiva como uma forma respeitosa ou familiar (regionalmente ou socialmente marcada) (cf. HAMMERMÜLLER, 1977):

(i) Em português-padrão, o uso do pronome *você* entre pessoas cultas e entre os mais velhos implica que o falante tenha com o ouvinte uma relação social de igualdade ou de superioridade (de patrão para empregado, por exemplo). Para estes falantes, continua a ser uma forma de tratamento pouco cortês ou mesmo ofensiva, preterida por formas nominais alternativas, como *o senhor*, *a senhora*, o nome próprio do ouvinte, etc. (cf. CUNHA e CINTRA, 1984). Assim, por exemplo, nas universidades portuguesas, os professores dirigem-se aos alunos usando o nome próprio e a 3.ª p verbal (*O João poderá entregar o trabalho por escrito no departamento.*) e os alunos dirigem-se ao professor utilizando a forma nominal que designa a sua profissão (*O professor vai entregar hoje os trabalhos?*).

(ii) Em certas regiões, no entanto, o pronome *você* é usado como forma de tratamento respeitosa, sobretudo em zonas rurais.

(iii) e, em classes sociais altas, é usado como forma de tratamento de intimidade, entre fa-

miliares e pessoas conhecidas (como marido e mulher, irmãos, primos, amigos ou conhecidos) ou pelos mais velhos dirigindo-se aos mais novos (como de pai para filho, de tio para sobrinho, de avô para neto, etc.).

(iv) Verifica-se atualmente o alargamento da utilização deste pronome, principalmente entre as classes menos cultas e entre algumas pessoas das novas gerações, que generalizam o uso de *você* para se dirigirem, indiscriminadamente, a qualquer pessoa, contribuindo, assim, para atenuar distinções sociais ou geracionais. É possível que o uso mais frequente de *você* corresponda à necessidade de suprir a ausência de um pronome de 2.ª pessoa a usar em conversas informais, mas sem intimidade, opondo-se, portanto, ao pronome *tu*. Nesse aspeto, reflete mudanças que se estão a registar na sociedade no sentido da perda de formalidade na comunicação corrente. É possível que o aumento do uso de *você* seja influência do português brasileiro, devido à transmissão de telenovelas brasileiras e à forte emigração de brasileiros para Portugal.

Devido à interpretação ofensiva de *você* para falantes de PE, a que nos referimos acima, esta forma é frequentemente omitida, ocorrendo apenas a forma verbal na 3ª pessoa.

(5) e ele em cima da secretária tinha umas selecções e eu pedi-lhe: olhe, senhor Pedrosa, enquanto **vai almoçar, emprestava-me** as suas as selecções? (Amostra Concordância, PE, OEI-C2M)⁹

Nestes contextos, fica a ambiguidade sobre a natureza do sujeito omitido, que pode ser *você* ou uma forma nominal. Será, em qualquer dos casos, o paradigma que se opõe ao pronome *tu*. Em suma, a omissão de *você* torna-se uma eficaz forma de evitar o uso de *você*, socialmente marcado.

O uso de vós como 2.ª pessoa do singular

Na maioria dos dialetos do PE (incluindo o padrão) o pronome *vós* não é atualmente usado como 2.ª pessoa do singular (para se dirigir a um único ouvinte), especialmente na língua falada. Este tipo de uso, ilustrado abaixo, ainda ocorre numa forma de tratamento de respeito, em certos dialetos muito conservadores; é também usado por pessoas mais velhas, e em discursos muito formais ou na linguagem religiosa em referência a Deus e a outras entidades religiosas.

(6) a. *Milhares de mouros tereis vós visto na vossa vida, irmão Fr. Vasco* (CRPC, Herculano, *O monge de Cistér ou a Epocha de D. João I.*)

b. *Depois, dirigindo-se a Mandela: «Vós sois um presente precioso para esta terra,*

⁹ A Amostra Concordância, parte do Projeto de Cooperação Internacional entre a Faculdade de Letras e o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, disponível em www.linguaport.lettras.ufjf.br, foi gravada segundo os mesmos parâmetros de estratificação social, em duas localidades da área metropolitana de Lisboa (Oeiras e Cacém) e do Rio de Janeiro (Copacabana e Nova Iguaçu). Os dados trazem a origem (PE, PB), a localidade, o nível de escolaridade, a faixa etária e o gênero do entrevistado.

um presente precioso para este mundo.» (CRPC, *Diário de Notícias*).

c. *Virgem mãe de Deus, sois vós Virgem e mãe de Deus* (CRPC, B. Araújo, *Superstições*)).

A referência à 2.^a pessoa do plural

O uso de vós 2.^a p plural

Quando o falante se dirige a mais de uma pessoa, pode utilizar pronomes de duas séries, ancoradas nas formas nominativas *vós* e *vocês*. A primeira está em desuso no português-padrão, embora se mantenha em dialetos setentrionais e do Centro de Portugal, e no discurso literário e oral, formal ou solene.

(7) a. *Vós* sabeis que não é possível alimentar por muito mais tempo os jogos partidários (CRPC, *Diário da Assembleia da República*, 19.11.1998)

b. É esse o desafio que o Governo lança aos Portugueses e vos lança a vós, Srs. Deputados (CRPC, *Diário da Assembleia da República*, 16.03.1988)

Pode igualmente não ser realizado o pronome, sendo então a forma verbal a indicar o paradigma escolhido (2.^a pessoa do plural ou 3.^a pessoa do plural).

(8) Por isso, apreciamos este vosso projecto de lei, cujo conteúdo, apesar de não ser de nossa iniciativa, **podeis** encontrar no nosso Programa de Governo (CRPC, *Diário da Assembleia da República*, 3.4.1996)

Veja-se o uso da forma *vós* como 2.^a pessoa do plural na intervenção do Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, ao dirigir-se aos médicos recém-formados na região sul do país, na cerimônia de juramento de Hipócrates, e a alternância entre *vós* e a 3.^a pessoa do plural:

(9) *Andais* por onde *andais*, *regressai* sempre a Portugal. *Sois* precisos aqui. (...) *Consolem-se* com isso [a gratidão em relação ao médico]. *Renascença*, 24.11.2018.¹⁰

O uso de vocês

Este pronome, gramaticalmente uma forma de 3.^a pessoa, tem a particularidade de ancorar uma série com formas alternativas para as funções de complemento direto e indireto: *vocês*, pronome nominativo (*Vocês* querem vir jantar amanhã?); *os/as*, alternando com *vos*, pronomes acusativos (*Não esperava vê-los / ver-vos ontem, vocês não costumam andar por ali*); *lhes*, alternando com *vos*, pronomes dativos (*Agradeço-lhes / vos, vocês são grandes amigos*); *vocês*,

¹⁰ <https://rr.sapo.pt/noticia/131919/marcelo-deixa-apelo-aos-novos-medicos-sois-precisos-aqui>

pronome oblíquo (*Não sabia nada de vocês*)), também usado com a preposição *com* (*Combinei com vocês irmos ao cinema*), em *convosco*, forma especial do pronome oblíquo formada com a preposição *com*, em alternância com *com vocês* (*Combinei convosco irmos ao cinema*) e *vosso*, *vossa*, *vossos*, *vossas*, pronomes pessoais possessivos (*Vocês têm as vossas preocupações*).

Tal como na série singular, também os enunciados com as formas *o*, *os*, *a*, *as* e *lhes*, fora de contexto, são ambíguos entre uma interpretação semântica de 2.a e de 3.a pessoa, como se poderá verificar, por exemplo, em *Nunca mais os vi!* Descontextualizado, *os* poderia ser interpretado como ‘*nunca mais os vi a eles*’ ou ‘*nunca mais os vi a vocês*’.

O uso do pronome *vocês* é comum a todas as classes sociais, não se observando exatamente as mesmas restrições mencionadas para *ocê*, exceto no que respeita ao facto de esta forma de tratamento não ser aceite pelas gerações mais velhas e pelas pessoas mais cultas quando dirigida a pessoas mais velhas ou hierarquicamente superiores. Além disso, contrariamente ao que acontece com *ocê*, existe variação na pessoa gramatical das formas pronominais usadas como complemento. Para a função de complemento direto, estas podem variar entre *os* e *vos* e para a função de complemento indireto, entre *lhes* e *vos*, como referido acima. Ou seja, enquanto no singular as formas pronominais de complemento concordam com a âncora *ocê* apenas na dimensão gramatical (de 3.a pessoa), no plural, as formas pronominais de complemento podem concordar com a âncora *ocês* quer na dimensão gramatical de 3.a pessoa (*os*, *lhes*) quer na dimensão semântica de 2.a pessoa (*vos*).

O pronome *ocês* pode também não ser expresso, em contextos de sujeito nulo.

As formas nominais de tratamento

Contrariamente às formas pronominais, as formas nominais de tratamento constituem uma classe aberta. Note-se que uma forma nominal pode evoluir para uma forma pronominal, como o caso de *vossa mercê* > *ocê*.

Entre as formas formas nominais mais frequentes estão (para uma descrição detalhada dos usos destas formas, ver Bacelar do Nascimento (no prelo)):

(i) formas de uso geral, como *o(s) senhor(es)*, *a(s) senhora(s)* seguidos ou não de nome próprio, (o senhor, a senhora, o Senhor Palma e num uso mais informal ou popular seguido apenas do nome de batismo: o Senhor António, a Senhora Joana). *A senhora dona* (a Senhora Dona Maria das Dores); ou ainda apenas *a dona* (a Dona Leonor); *o(s) menino(s)*, *a(s) menina(s)*, seguida ou não do nome, em geral o nome de batismo (o Menino João, a Menina Maria). Outras formas nominais de uso geral são, por exemplo, *o(s) meu(s) amigo(s)*, *a(s) minha(s) amiga(s)*, *o(s) colega(s)*, *a(s) colega(s)*;

(ii) formas de parentesco, como *o pai*, *a mãe*, normalmente não seguidos dos nomes próprios (cf. *a mãe vai buscar-me à escola?*), *o avô*, *a avó*, *o tio*, *a tia*, *o primo*, *a prima*, *o padri-*

nho, a madrinha, seguidos ou não de nome próprio, em geral, nome de batismo (cf. *o tio (Zé) não quer cá vir almoçar amanhã?*);

(iii) o artigo definido seguido de nome próprio, com forma verbal de 3ª pessoa, é usado em contextos informais, implicando um certo grau de conhecimento, mas não de familiaridade, e, por vezes, até um certo distanciamento entre os interlocutores (cf. *O Rui pode chegar aqui?*);

(iv) formas que indicam profissão, cargo, título, geralmente, formadas por *o senhor, a senhora* (formas de tratamento respeitosas), seguidas do nome da profissão (p.e., *senhor(a) engenheiro(a), senhor(a) arquiteto(a), senhor(a) professor(a), senhor(a) doutor(a), senhor padre*), do cargo ou função (p.e., *presidente, administrador(a), ministro(a), reitor(a)*), e seguidas ou não do nome próprio (cf. *o senhor professor (Guedes)*); a forma *senhor(a) doutor(a)* pode ser na oralidade realizada como *sôtor(a)*, e em meio escolar, não universitário, realizada como *stor /stora* quando os alunos se dirigem aos professores.

(v) formas mais formais, em desuso, particularmente na língua falada, mantendo-se, no entanto, em situações de comunicação solenes, entre membros de profissões altamente hierarquizadas: *Vossa Excelência* (cf. *Apresento a Vossa Excelência os meus respeitosos cumprimentos de muita consideração e apreço* (CRPC, Diário da Assembleia da República, 28.03.1990)); *Vossa Eminência* (cf. *deveria dirigir tal apelo a Vossa Eminência, como mais alta figura que é da Igreja em Portugal* (CRPC, Diário da Assembleia da República, 13.02.1985)); *Vossa Reverência* e *Vossa Reverendíssima, Vossa Santidade, Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Senhoria*.

(vi) formas nominais de afeto, como *o meu amor, o meu querido, a minha querida* (cf. *Perdoe o meu querido amigo, mas dentro em pouco, e se me chegar o tempo, demonstrarei que labora num erro palmar* (CRPC, Diário das Sessões da Assembleia Nacional, 19.03.1949) os diminutivos, como *a queridinha, o meu amorzinho, a mãezinha, o avozinho* (cf. *Ah, que lindos são os abajoures do Vizinho Torres. Têm sóis e luas e estrelas recortadas, porque é que a mãezinha não lhe compra um?* (CRPC, R. Miguéis, *A Escola do Paraíso*) ou a duplicação de sílabas, como, p.e., em *o papá, a mamã, a titi, a vovó, o Zezé, a Lili* (cf. *Enfim, a titi faz favor, deixa-me aqui um bocadinho só, no oratório, para aliviar... Muda, impressionada, ela acendeu reverentemente, uma a uma, todas as velas do altar.* (CRPC, Eça de Queiroz, *A Relíquia*)).

O tratamento no português brasileiro

A distribuição de *tu* e *você* (e suas variantes *cê* e *ocê*)

Ao contrário do que foi descrito na seção precedente sobre o tratamento com *tu* e *você* no PE, podemos afirmar que, no PB, o uso normal das duas formas não sugere distribuição complementar, ou seja, não há distinção de grau de cortesia ou de maior ou menor familiaridade nas

localidades em que ambas as formas se encontram em variação. Apenas ocasionalmente encontrarmos relatos de omissão do pronome (presumivelmente um *você* nulo, mas possivelmente um *o senhor/a senhora* nulos) quando o falante, em situação assimétrica, não sabe como se dirigir a um interlocutor mais velho ou pouco conhecido. Tudo indica, porém, que entre os mais jovens já não se encontra essa estratégia, tal é a frequência de um pronome expresso de segunda pessoa, particularmente em contexto inicial.

O importante ao tratar dos dois pronomes é mostrar a sua distribuição no território nacional. A partir de uma vasta amostra composta de inúmeras teses e dissertações, além de artigos e capítulos, Scherre *et al* (2015), realizaram essa difícil tarefa, considerando que os trabalhos são elaborados com metodologias diversas, que as entrevistas variacionistas não contituem o material ideal para encontrar uso frequente desses pronomes (a não ser na fala do entrevistador) e que nem todas as áreas do território estão mapeadas. Apesar de todos esses considerandos, os autores conseguiram não só nos oferecer um minucioso quadro da distribuição dos dois pronomes, mostrando que “o pronome *tu* é de uso mais geral do que se supõe: trata-se de um *tu* brasileiro, que em muitas comunidades se instaura sem concordância expressa na forma verbal”, havendo também, “a presença de *tu* com concordância, em graus variados, motivada pelo contexto de mais formalidade ou pelo aumento da escolarização, especialmente onde *tu* é reconhecido como de uso mais natural na comunidade local” (SCHERRE *et al*, 2015, p. 135), como veremos a seguir.

Os autores chegam a seis subsistemas:

- (i) uso exclusivo de *você* e suas formas reduzidas *cê* e *ocê*;
- (ii) mais *tu* (acima de 60% com concordância abaixo de 10%) e pouco uso de *você*;
- (iii) mais *tu* (acima de 60% com concordância entre 40% e 60%) e pouco uso de *você*;
- (iv) *tu/você* (uso médio de *tu* abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%);
- (v) *tu/você* (uso médio de *tu* com concordância média entre 10% e 39%);
- (vi) *você/tu* (uso de *tu* sem concordância de 1% a 90%).

Como se vê, a distribuição geográfica mostra que não há um subsistema que contenha apenas *tu*, embora algumas das análises contempladas na pesquisa revelem que há localidades com uso quase categórico de *tu*, como em Pelotas, no Rio Grande do Sul (AMARAL, 2003) e em Ribeirão da Ilha, em Santa Catarina (LOREGIAN-PENKAL, 2004).

Uma interessante informação histórica vem da área encontrada para o subsistema “só *você*”: trata-se de uma grande área que abrange particularmente estados do centro-sul e corresponde a uma das divisões administrativas do Brasil em 1709 – a antiga Capitania de São Paulo. Essa ampla área corresponde, a oeste, aos estados de Goiás (excluindo o Distrito Federal, de

formação mais recente), Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; ao norte, corresponde ao sul do estado de Tocantins, na fronteira com Goiás; ao nordeste, à cidade de Salvador, na Bahia; na região sudeste, aos estados de Espírito Santo, Minas Gerais (exceto São João da Ponte, perto da Bahia) e São Paulo; ao sul, ao estado do Paraná. Dentre as formas variantes de *você*, *cê* é de uso mais geral, só ocorrendo na posição estrutural de sujeito; não temos *cê*, deslocado (**cê, cê me disse que não ia*) nem em outra função sintática (**vou dar esse livro pra cê*); quanto a *ocê*, este parece se restringir a Minas Gerais, é de uso amplo em áreas rurais, podendo ocorrer nos mesmo ambientes sintáticos que *você* (*ocê, ocê me disse que não ia; vou dar esse livro procê*).

O subsistema “mais *tu*” com concordância abaixo de 10% está no estado do Amazonas ao norte e no Rio Grande do Sul, dois pontos extremos, enquanto “mais *tu*” com concordância entre 40% e 60% se encontra também no norte, no estado do Pará, e no sul, em Santa Catarina.

Os dois subsistemas em que há variação *tu/você*, com vantagem para *tu*, podem exibir concordância baixa, como Tocantins e Maranhão (norte e nordeste, respectivamente), ou concordância média, como o próprio Maranhão e outros estados do nordeste: Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco, além do Amazonas, ao norte e Santa Catarina, ao Sul.

Finalmente, o subsistema em que há variação *você/tu* sem concordância, com vantagem para *você*, é atestado, até o momento em que a pesquisa foi realizada, no Distrito Federal (centro-oeste), Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (sudeste); Maranhão e Bahia (nordeste) e Roraima e Acre (norte).

Essa distribuição mostra que vários estados apresentam mais de um subsistema, o que é cuidadosamente mostrado no mapa que o capítulo exibe (*op. cit.*, p. 142) e no exaustivo mapeamento dos trabalhos com inúmeras tabelas mostrando a distribuição dos diversos subsistemas por região e por pesquisa realizada. Trata-se, pois, de um texto de extrema importância para futuros trabalhos sobre o tema.

A leitura do capítulo nos leva a refletir sobre um aspecto que não é investigado no texto (e nem era este seu objetivo),¹¹ que nos leva a pensar na influência dos contatos desde a colonização, passando pelas diversas ondas de imigração, com a chegada de japoneses, italianos, alemães, além dos intensos fluxos migratórios dentro do país, na segunda metade do século XX. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os primeiros fluxos tiveram início a partir da década de 1950, de áreas rurais dos estados nordestinos para o sudeste, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro, atraídos pela industrialização, com migrantes movidos pelo desemprego, seca, latifúndios. No final da década de 1950, um outro fluxo, também do nordeste além de Minas Gerais, ocorreu, atraído pela busca de mão-de-obra para a construção

11 As teses e dissertações que serviram a esse mapeamento trazem importantes dados sócio-históricos que teriam influenciado o tratamento nas regiões analisadas. Ver também outras referências no capítulo de Scherre *et al.*, 2015.

de Brasília e para o trabalho na agricultura. Um terceiro fluxo ocorreria novamente das áreas rurais do nordeste em direção à Amazônia, para o trabalho na mineração, extração de madeira, criação de gado ou ainda para o estabelecimento em pequenas propriedades. O último fluxo reportado pelo IBGE, nos revela que entre as décadas de 1900 e 1970 com a expansão da agricultura, uma diáspora do sul e do sudeste (São Paulo e Minas Gerais), formada por pequenos fazendeiros, com problemas na divisão de terras herdadas por membros de segunda e terceira gerações de fazendeiros, migra para o centro-oeste e para o norte. A população urbana, que era de 31,24%, segundo o Censo do IBGE, de 81,20% em 1940, chega a 81,20% em 2000.

Temos, pois, razões de sobra para supor que esses sucessivos contatos com estrangeiros e entre brasileiros deixariam sua marca nesse complexo quadro de formas de tratamento e também contribuiriam, por outro lado, para a distribuição bastante regular dos fenômenos variáveis de natureza morfossintática estudados no Brasil.

Outras formas de tratamento

As formas de tratamento *o senhor* e *a senhora* são ainda usadas nas relações assimétricas, particularmente de empregados para patrões, de pacientes para médicos, de funcionários de lojas e supermercados para clientes, e ainda para pessoas mais velhas e não íntimas e para os pais e parentes mais velhos (avós e tios) por gerações também um pouco mais velhas. Entretanto, os mais jovens nas áreas urbanas já tratam seus pais por *você/tu* e costumam dar aos mais velhos o mesmo tratamento. É comum, nas universidades brasileiras, o aluno tratar o professor por *você/tu*. Uma interessante observação em Scherre *et al* diz respeito ao possível papel da mulher urbana brasileira para o relativo desaparecimento desse tratamento respeitoso, porque elas “não querem ser chamadas de ‘senhora’”. “*Costumam dizer: ‘a senhora está no céu! Pode me chamar de você!’*” (op. cit. p. 136).

Está aqui um comportamento oposto ao que vimos relatado para o PE no que diz respeito às relações assimétricas. Não herdamos tampouco o uso de formas nominais de tratamento, como a menção do nome do interlocutor em lugar do uso de uma forma de tratamento.

A forma de tratamento *Vossa Senhoria* já não é tão frequente nas cartas comerciais, que optam por *o senhor* ou acabam por omitir qualquer forma. Tudo indica que essa perda de cerimônia está ligada ao uso do email nas comunicações, o que contribuiu em grande parte para aproximar escrevente e leitor. Finalmente, a forma *Vossa Excelência* é restrita ao Presidente, em situações formais, aos magistrados e aos membros do Congresso Nacional.

A realização fonética de *tu/você* no Português Europeu e Brasileiro em entrevistas sociolinguísticas

Como dissemos na introdução a este artigo, as entrevistas sociolinguísticas não constituem o gênero apropriado para conseguir dados de segunda pessoa. A análise dos sujeitos referenciais na amostra Concordância nos ofereceu um número muito reduzido de ocorrências. No entanto, é interessante mostrar a distribuição de *tu/você* no PE e no PB bem como a sua realização. Os dados de 2.ª pessoa atestados na amostra Concordância correspondem a 9 ocorrências de *você*, com 6 dados expressos e 3 nulos, como mostra o exemplo a seguir:

(10) Então, pelo que vejo, você não concorda; eu acho um exagero, está bem, mas isso faz parte da história, e *você* tem que aceitar tem que aceitar. Sôtor tem razão, mas dizia ele: “sabe, o que *você* fez era o suficiente para ir fora da aula, mas **não vai** por uma razão muito simples: só **demonstrou** com isso que **estava** com atenção. (diálogo entre professor e aluno) (Amostra Concordância, PE, OEI-C2H)

Quanto ao uso de *tu*, o Português europeu revela 26 ocorrências, 27 (83%) das quais com o pronome nulo e 5 (17%) com o pronome expresso. Vejamos o exemplo (11):

(11) a. Eu até incentivava por exemplo a minha filha mais velha a dizer: “se *tu* queres explicas por que é que **gostas** de fazer isso ou por que é que **gostas** de sair, **explicas** por quê. Temos que saber com quem **vais**. E o pai disse logo: o quê, sair à noite? explicas por quê, com quem vais e, portanto, lutas por aquilo que **queres...e lutas**” (Amostra Concordância, PE, CAC-C3M)

b. Ela às vezes refila muito comigo; refila muito comigo, e o meu marido às vezes diz: **sabes** o que é isso? É a confiança que *tu* lhe deste. (Amostra Concordância, PE, OEI-C1M)

Em relação ao PB, o que vemos é uma baixa ocorrência de *tu*, que como dissemos é menos frequente no Rio de Janeiro, embora na fala espontânea, familiar e entre amigos, particularmente na área mais *carioca* do grande Rio, a região suburbana, seja muito comum, em variação com *você*: as 6 únicas ocorrências nas entrevistas analisadas trazem o verbo sem a desinência canônica de concordância (5 com o pronome expresso e uma com o pronome nulo). Isso confirma que *tu/você* não estão em distribuição complementar no Rio de Janeiro, razão pela qual apresentamos os resultados gerais, juntando as 6 ocorrências de *tu* e as 76 de *você*: 82 dados, o que nos leva a 90% de pronomes expressos e 10% de pronomes nulos:

(12) a. (Documentador: eu eu faço faculdade de literatura. Então, eu amo ler!)

Então... ah então... *você*, o dia que *tu* vim aí, *tu* vem que eu te dou os livro. *Tu vem* de carro. Aí tem livro aí pra caramba. *Você* pode até levar mesmo, minha filha, que minha mulher tá doida pra acabar com meus livro. (Amostra Concordância, PB, COP-C1H)

- b. “Antigamente você ficava conversando, olhava pra uma pessoa... a pessoa não falava nada. Hoje *tu olha* uma pessoa daqui a pouco ela olha pra você e fala ‘o que que *tu tá* me olhando?’” (Amostra Concordância, PB, COP-C2H)
- c. “Assim, apesar que eu tenho uma amiga que que tem dois filhos, que engravidou. Agora, então, eu falo pra ela: isso que você fez é errado porque *você* já teve uma, sua mãe aceitou; *você* teve a outra, sua mãe...; agora, com o terceiro, agora não dá, não!!” (Amostra Concordância, PB, COP-A1M)
- d. “ah, *você* tem que ir no médico.. já há muito tempo que *você* nem vai... tem que fazer um check up geral” (Amostra Concordância, PB, NIG-A3M)

Vemos que os resultados confirmam a distribuição do tratamento com *tu/você* no PE e sua neutralização no PB, tanto no que diz respeito à perda da marca de concordância (mais geral do que sua realização) e da distinção de cortesia. Além disso, fica evidente a preferência pelo pronome nulo no PE e sua realização fonética no PB, uma consequência da plena inserção dos pronomes *você* e *a gente* no paradigma pronominal e da consequente redução do paradigma flexional verbal (DUARTE, 2018 [1993]).

Uma evidência adicional da distância entre as duas gramáticas pode ser vista na tabela que segue, extraída de Nicolau de Paula (2016; 2017), que nos mostra a ordem Verbo Sujeito em interrogativas-Q no PE e no PB. Considerando a dificuldade de encontrar dados desse tipo na fala de entrevistados, a autora encontrou uma solução muito interessante: levantou todas as perguntas feitas pelo entrevistadores, que, naturalmente, não sabiam que teriam sua fala analisada. Ela informa que teve o cuidado de levantar “a origem de cada entrevistador a fim de garantir que fossem todos portugueses nas amostras do PE e todos brasileiros nas amostras do PB” (*op. cit.*, p.21).¹² Foram lidas 40 entrevistas no total. A seleção de duas sincronias diferentes com um pequeno intervalo de tempo entre elas lhe permitiu realizar uma observação do fenômeno em “tempo real de curta duração” (LABOV, 1994) e verificar se, no intervalo de cerca de vinte anos, houve mudança ou estabilidade na ordem VS/SV nos padrões de interrogativas. O interesse para este artigo recai, naturalmente, sobre a realização fonética ou omissão dos pronomes para referência à segunda pessoa. Sabemos, entretanto, das limitações dos resultados, uma vez que os entrevistadores do Cordial-Sin são falantes cultos que evitarão *você* e que estão a entrevistar falantes mais idosos, pelo que se impõe uma relação de deferência. No entanto, em ambas as amostras, tanto a dos anos 1980 como a de 2000, que envolve falantes mais jovens e de áreas urbanas, o índice de sujeitos nulos (Q Cliv V na Tabela 1) é alto (mais alto ainda na mais recente); acrescenta-se que nas entrevistas do PB, em ambas as sincronias, tanto com o tratamento respeitoso *o(a) senhor(a)* quanto com o tratamento *você*, os índices de sujeitos nulos

12 Para a primeira sincronia, anos 1980 (PE) e 1970 (PB), foram recolhidos, respectivamente, dados do Projeto NURC-RJ (www.lettras.ufrj.br/nurc-rj) e do Cordial-Sin, Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe (www.clul.ul.pt/pt/recursos).

são de 2% e 0%, como vemos na Tabela 1.

Os resultados gerais estão na Tabela 1:

| PADRÕES COM INTERROGATIVAS Q | PE | PB | | |
|------------------------------|-------------------------|--------------------|-------------------|--------------------|
| | Cordial – Sin Anos 1980 | Concord. Anos 2000 | NURC-RJ Anos 1970 | Concord. Anos 2000 |
| Q Cliv V | 42% | 53% | 2% | 0% |
| Q Cliv SV | 20% | 16% | 73% | 44% |
| Q Cliv VS | 19% | 9% | 4% | 0% |
| Q in situ | 17% | 5% | 4% | 10% |
| Q V | 0,5% | 6% | 0% | 3% |
| Q VS | 1,5% | 10% | 1% | 1% |
| Q SV | 0% | 1% | 16% | 42% |
| TOTAL (%) | 157 (100%) | 120 (100%) | 83 (100%) | 77 (100%) |

Tabela 1: Distribuição dos padrões das interrogativas Q no PB e PE falados. Fonte: Nicolau de Paula, 2016, Tabela 1, p. 21

O que nos interessa de modo especial na tabela é o padrão com sujeito nulo na linha 1 – Q Cliv V, com o interrogativo, a clivagem (*é que*) e o verbo, ilustrado em (12a), que alcança 42% e 53% nas duas amostras do PE, quando o PB exhibe 2% e 0% nas duas sincronias. Por outro lado, o padrão Q Cliv SV, na segunda linha, com o pronome expresso, lidera no PB com 73% e 44% (12b), enquanto os sujeitos expressos no PE, entre 20% e 16% exibem a forma de tratamento *o(a) senhor(a)* e, mais raramente, *você*. Finalmente, um outro padrão com o sujeito expresso em clivagem está ausente do PE e alcança 42% na última sincronia do PB (12c). (Cf. Exemplos de NICOLAU de PAULA, op. cit., p. 23).

(12) a. **O que é que começaste por fazer?** (Amostra Concordância PE)

b. **Como é que você escolheu uma loja de artesanato?** (Amostra Concordância PB)

c. **Quando você vem?** (NURC-RJ-2000)

Considerações finais

Pelo que foi aqui exposto, podemos concluir que o sistema de tratamento se revela um tanto mais complexo no português europeu do que no português brasileiro. Em primeiro lugar, o tratamento por *tu* e por *você* está em distribuição complementar, no sentido em que *tu* é usado

por falantes em relações simétricas (por exemplo, entre jovens) ou em relações assimétricas quando existe proximidade (entre familiares, por exemplo), enquanto *você* é tipicamente usado em relações assimétricas sem proximidade. No entanto, a forma *você*, pelas sutilezas que caracterizam o seu uso, é com frequência evitada, preferindo-se outras estratégias como o sujeito nulo ou uma forma nominal. O sistema das formas de tratamento está atualmente a sofrer alterações, havendo uma generalização do tratamento por *tu* entre jovens e um aumento do seu uso noutras relações simétricas. Os falantes, principalmente os mais jovens, usam também com mais frequência a forma *você* nas relações assimétricas, pelo que, nessa situação, *tu* e *você* formam um sistema verdadeiramente complementar.

Quanto ao PB, temos um sistema em que *tu* e *você* efetivamente não se encontram em distribuição complementar. O que temos é uma distribuição regional, motivada pelo povoamento do país e sucessivas levas de migrações internas, que levaram a uma neutralização entre *tu* e *você*, que passam a se intercambiar, nas áreas em que ambos são usados. Acrescente-se o fato de que predomina no país o uso de *tu* com forma verbal sem a desinência canônica, o que pode levar à preferência pela realização fonética de uma e outra forma pronominal.

Referências

AMARAL, Luís I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. Tese de Doutorado, UFRS, 2003.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. Fernanda. Formas de tratamento. In: E. P. RAPOSO; M.F. BACELAR DO NASCIMENTO; M.A. C. MOTA; L. SEGURA; A. MENDES (orgs.). *Gramática do Português*, vol. III. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, no prelo.

CINTRA, Lindley. *Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte, 1972.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984.

DUARTE, M. Eugênia L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro. In: I. ROBERTS; M. A. KATO (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Contexto, 2018 p.83-103. [reedição do original, publicado pela Editora da Unicamp, 1993, 107-128].

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. In: *Fragmenta 13*, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba, Editora da UFPR, 1996.

LOPES, Célia. Vossa Mercê > você e Vuestra Merced > usted: o percurso evolutivo ibérico. *LINGÜÍSTICA*, 14, p.173-190, 2002.

_____ ; CAVALCANTE, Sílvia. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e clítico-te. *Linguística* (Madrid), v. 25, p.30-65, 2011.

_____ ; BROCARD, M. Teresa. Main Morphosyntactic Changes and Grammaticalization Processes. In: L. WETZELS; S. MENUZZI J. COSTA (eds.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Maldon: John Wiley & Sons, Inc., 2016, p. 471-486.

HAMMERMÜLLER, Gunther. Formas e Convenções de Tratamento do Português. In: Actas do 1º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português, Águeda, p.55-60, 1977.

LOREGIAN-PENKAL L. *(Re)análise da referência de segunda Pessoa na fala da região sul* Tese de Doutorado, UFPR, 2004.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: D. LUCCHESI; A. BAXTER; I. RIBEIRO (orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p.41-73.

NICOLAU DE PAULA, Mayara. *A ordem VS/SV em interrogativas-Q no PE e no PB: uma análise diacrônica*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2016.

_____. A comparative analysis of Wh-questions in Brazilian and European Portuguese. *Diadorim – Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 20, Número Especial, p. 197-218, 2017.

ROBERTS, Ian; HOLMBERG, Anders. Introduction: parameters in Minimalist theory. In: T. BIBERAUER *et al.* (eds.). *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p.1-57.

SCHERRE, M. Marta P.; DIAS, Edilene P; ANDRADE, Carolina; MARTINS, Germano F. Variação dos pronomes TU e VOCÊ. In: M. A. MARTINS; J. ABRAÇADO (eds.). *Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto. p.133-172.

Sobre Dinah Callou — *Maria Fernanda Bacelar do Nascimento*¹³

Sobre Dinah Callou — *Amália Mendes*¹⁴

Sobre Dinah Callou — *Maria Eugenia Lammoglia Duarte*¹⁵

13 Dinah – uma grande linguista, um grande carácter, um grande coração.

14 É um grande prazer associar-me à homenagem à Dinah, pela muita consideração que tenho pelo seu trabalho científico, pela sua retidão e pela sua frontalidade.

15 É difícil demais achar as palavras adequadas para homenagear a Dinah! Embora só tenhamos nos encontrado em 1993, é como se a nossa convivência acadêmica e a nossa amizade, que tanto me orgulham, viessem da juventude. Você é exemplo de retidão na vida pessoal e profissional, de dedicação às causas justas, de sinceridade absoluta. Você nos inspira, Dinah!